Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:017

30 DE MARÇO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

A COROAÇÃO DA VIRGEM

(Quadro de Sandro Botticelli)

Chronica Occidental

A semana santa, tempo de ferias, tambem o tem sido para os politicos.

E afinal tanto direito um ministro tem para o descanço, como qualquer petiz de instrucção primaria. Não cremos, francamente, que seja menos de estropiar os cerebros um calhamaço com orçamentos do que a mais antipathica definição de grammatica portugueza.

Quando Alphonse Daudet escreveu *Monsieur le Sous-préfet aux champs*, poderia muito bem ter pensado em qualquer dos ministros a quem o papel sellado e as informações d'um director geral não tenham completamente tornado obtuso todo o sentimento lyrico.

E possivel que em qualquer dos nossos ministros se tenha renovado o amor de sabbado, a vespera do bello domingo illuminado por um sol mais luminoso, que, entretanto, se avista sempre um pouco mais tarde. A bella soneca da manhã!... «Um homem pode ser empregado na companhia das aguas e ter coração», escrevia uma vez Gervasio Lobato. Um homem pode ser ministro e gostar d'uma soneca.

Lisboa animou-se n'estes dias, conforme o costume dos mais annos. Mas quem quiz gosar de maravilhas, partiu para a Andaluzia, foi a Sevilha ver as festas explendidas da semana santa, tão bellas e caracteristicas, que um inglez original pagava uma vez o que precizo fosse para que lh'as repetissem.

Para Sevilha, em visita a sua mãe, partiu, a bordo do seu yacht, a rainha sr.ª D. Amelia, embora, por motivo da desgraça com que a prolongada ausencia das chuvas ameaça os andaluzes, a sr.ª condessa de Paris houvesse pedido que nenhuns festejos se fizessem em Manrique.

Tambem o sr. D. Carlos esteve alguns dias fóra de Lisboa, caçando veados e javalis, na fronteira de Hespanha, proximo de Marvão. N'esta viagem visitou Portalegre e Castello de Vide, duas das mais formosas terras alemtejanas, menos conhecidas do que mereciam sel-o.

O alto-Alemtejo contem das mais bellas paisagens de Portugal. O caminho de Castello de Vide para Marvão, d'onde, dizem os habitantes orgulhosos, as aguias se vêem pelas costas, e que atravessa a formosissima propriedade do Prado, pertencente á familia Lecoq e a pittoresca aldeia de Escusa, para, depois, trepar a serra entre soutos de castanheiros, é de gravar-se eternamente na memoria.

Deve El-Rei voltar encantado da digressão.

Mas nem para toda a familia real serão de alegres recordações estes dias que passaram. O automovel da sr.ª D. Maria Pia, quando uma d'estas noites a conduzia para o theatro, em companhia do sr. Infante D. Affonso, passou por cima do corpo d'uma creança, que morreu instantaneamente, ferindo gravemente a mãe que a levava ao collo. Comprehende-se a dôr da sr.ª D. Maria Pia, ao reconhecer a desgraça que toda a pericia do conductor não soubera evitar. Recolheu ao paço da Ajuda, logo que viu á pobre mulher ferida seremlhe prestados os primeiros soccorros.

Foi esta uma nota tristissima no noticiario d'estes ultimos dias, em que Lisboa ostentou todas as suas galas nas lojas dos confeiteiros, sempre á compita pela semana santa.

Aproveitaram muitos estes dias para ir respirar por umas horas, melhores ares.

Ainda antes da facilidade dos comboios, já era de tradição que Cintra se animasse durante as ferias da semana santa. E linda ali a primavera, quando giestas, tojos e accacias já começam a deixar cahir as flores, e já perdem de seu aroma as violetas e, ao verde novo dos ulmeiros, milhares de milhões de rosas enviam seus perfumes.

Os dias, infelizmente, continuam bellissimos, e, se os passeantes glorificam a primavera, o mesmo não succede aos pobres lavradores que anciosamente espreitam os cataventos, desejando vel-os, por uma vez, apontar para o sudoeste, com quem, parece, o inverno d'este anno se poz de todo mal.

Continuam as orações nas egrejas, pedindo uma gota de chuva que anime os trigos a crescerem; mas o sol continuamente se ergue n'um ceu todo azul e os pobres trabalhadores continuam de braços cruzados sem ganhar o pedaço de pão indispensavel. Já os nervos se exaltam com a monotonia do ceu azul.

Como o governo não concedeu á camara municipal a auctorisação para dispender dinheiro com as faladas festas de maio, não ha certeza de que estas se realisem; como, porém, as estações vão muito mudadas, é possivel que o mau tempo então as impedisse. Não ha que fiar n'este principio de seculo, todo elle a revoltar-se contra todas as tradicções.

Não foi o governo muito atacado pela resolução tomada, que até a vimos muito elogiada por muitos jornaes da opposição e com bons argumentos.

Para festas teria agora estado magnifico o tempo, ou fosse possivel esquecer tamanhas tristezas que sua formosura está causando.

Queixam-se os lavradores e queixam-se os medicos.

A primavera sempre foi terrivel para certas doenças. Millevoye cantou a queda das folhas; com egual melancholia poderiam outros poetas cantar o florescer das arvores.

Coube agora a vez ao estudante Ripado, cujo talento vimos alvorecer em promettedoras poesias, de rara originalidade. Se não bastaram para darlhe fama, foram de sobejo para poder-se avaliar a perda soffrida. Não teria elle vinte annos, quando um sopro o levou, como leva as petalas n'um pomar. Pobre criança, que tanto promettia!

E' raro termos de falar de coisas d'arte n'esta prosaica Lisboa; faz pena começarmos por um necrologio.

Foi linda a festa de João Arroyo no theatro de S. Carlos, com a ultima audição do *Amor de Perdição*, definitivamente consagrado pelo applauso geral d'uma platéa enthusiasmada. E' sempre um momento bom aquelle em que podemos applaudir uma obra d'arte; cresce o prazer com o nosso orgulho, quando se trata d'uma obra nacional.

Na mesma noite em que João Arroyo recebia a consagração definitiva do publico de Lisboa, realisavam os estudantes da Polytechnica a sua recita no theatro da Trindade. Não se tratava d'obras d'arte, é claro; mas umas horas alegres tambem são de archivar-se, e alegria estudria não faltou n'aquella noite durante o espectaculo.

Na ultima chronica promettemos falar da Tina di Lorenzo, cujos espectaculos foram cada vez mais concorridos até á recita de *Zázá* que teve uma enchente á cunha.

Tina di Lorenzo é uma grande actriz, mas seria injusto não principiarmos o nosso applauso, referindo-nos á excellente companhia qne nos trouxe, só talvez comparavel pelo seu conjuncto á de Maria Guerrero. de recitas inolvidaveis. Assim, sim, dá gosto ir ao theatro, e o prazer d'arte é completo.

Tina di Lorenzo é a estrella, não ha duvida; mas Carini no *Armand Duval* e a sr.ª Groni e Falconi nos papeis da *Sociedade* conseguiram ser applaudidos com muito enthusiasmo do publico. Um pormenor, por insignificante que seja, é tratado com carinho artistico, e, de principio ao fim, por esta companhia todas as peças teem sido, o mais artisticamente possivel, representadas.

Isto prova quanto Tina di Lorenzo é sincera e honradamente artista e que não precisa de *repoussoirs* como dizem os francezes, para que seu talento brilhe fóra d'uma espertamente procurada relatividade.

A semana santa interrompeu-lhes os espectaculos; mas os cartazes que já annunciam o *Divorciemo nos*, a *Dama das Camelias* pela segunda vez, e a *Locandiera* de Galdoni para festa artistica da formidavel actriz, asseguram noites de grande triumpho.

Faz nos pena ter visto tão poucos artistas portuguezes n'estes espectaculos da companhia italiana. O esmero d'estas representações offerecer-lhes hia exemplo de quanto póde o talento unido á boa vontade. E os bons exemplos não ha quem d'elles não precise. Até um santo deve ler o *Flos Sanctorum*.

Vai-se embora a Tina di Lorenzo e chega o Kubelik. A prosaica Lisboa vai-se fazendo cidade.

JOÃO DA CAMARA.

A Pascoa — A Gloria

As civilisações orientaes, de que o colossal, no impeto da força, havia permanecido como testemunho e documento para o futuro, não resistiram á influencia da luz, representada na Grecia e absorveu-as Roma, que tudo amalgamou e fundiu, legando á posteridade o seu Direito.

Destacára-se um povo, de territorio exiguo, na massa mais ou menos escravisada de povos antigos, ostentando-se na Asia, — o povo hebreu.

Aqui, uma teocracia original e um legislador inconfundivel impõe-se ao estudo e consideração do mundo culto, pelo caractér que imprimiram e ainda imprimem na raça descendente dos adoradores de Jeová e contemporaneos de Moisés.

No ponto que trato, similhante caractér transmitindo-se por motivos de assimilação simpatica e de condições de meio na sequencia dos seculos e na corrente historica, revelou-se depois da vitoria de Constantino em larga generalisação de conceito na mente e no coração de todo o ocidente, de grande parte das Americas e de diversas nações espalhadas em outras paragens do Globo.

E, coisa notavel, o hebreu alheou-se ás leis do progresso em materia religiosa, e ficou prêso a uma esperança irrisoria dum Messias, de tempora lidade.

A famosa Pascoa que tanto se liga ao Ejito famoso dos faraós celebrados e que para nós significa uma carta de alforria, precussora da Gloria cristan, não commove o hebreu, acorrentado ao passado e até talvez lhe provoca fundas tristesas e amargas deceções.

Pois, é inquestionavel que no grande livro dos acontecimentos humanos está registado com letras de brilho eterno o periodo evangelico de Jesus, hebreu de nascimento, mas que os seus concidadãos desconheceram e intrigaram, preparando-lhe a morte afrontosa de cruz sancionada no tribunal do romano pretor.

Hoje, celebramos, não a morte afrontosa do filho do Homem, mas a Gloria de Jesus, que inspirou, por ventura ao autor do quadro reproduzido na gravura desta revista, a coroação da Mulher sem par que foi Mãe do Crucificado de Poncio Pilatos.

Evangelisador pela palavra e pelo exemplo, insinuando-se despido de aparatosas illusões dos sentidos, conquistando com a verdade a adesão dos sinceros, levantou o edificio do Cristianismo em taes bases e alicerces, os unicos que valem perante a san filosofia da sinceridade esclarecida e na pura iniciação doutrinal das almas honestas.

Quem, de boa fé, se consagra ao estudo e analise da historia do pensamento e acompanha a correspondente modificação das constituições dos Estados, tem de confessar a áção do Cristianismo na maior humanisação individual e colétiva dos povos, e a preferencia concedida de modo sempre crescente ás inspirações do espirito do Evangelho e ao impulso dos sentimentos afétivos.

A Pascoa — A Gloria! eis um brado eloquentissimo de civilisação que as mais avançadas conquistas da ciencia não sufocam e a que fazem éco os mais nobres cultôres do progresso na injencia luminosa das suas afirmações categóricas.

Conviria e muito que não houvesse precipitados e intolerantes, confundindo as coisas e contribuindo para despertar odios e mal querenças onde se requere contenção atilada e juizo prudente.

O equilibrio perde-se quando se perde a noção lejitima de cada facto e se entra numa ordem de desproporções exajeradissimas.

A Cruz de Cristo é mais do que um padrão glorioso na pascoa dos povos iluminados pelo Evanjelho, é um fiador seguro de equilibrio social e um poder moral de inexcedivel alcance, a que hão de dever dias impagaveis de estabelecimento harmonico as sociedades orientadadas pelos principios dele definidos e exemplificados na vida terrena do do doutrinador da Judea.

Hebreu de raça e Homem no preceito de amor absoluto, legado aos seus discipulos com a determinação duma missão de paz, aquêle doutrinador, dobrando o cabo de todos os tempos, ficará na consciencia da humanidade agradecida como a expressão ultima do exforço emancipador e como objecto imaculado dum culto á Divindade.

Sim: divino aparece aos homens o humilde que lhes apontou o caminho da solidariedade nas palavras sinjélas que preconisaram — egualdade, fraternidade e liberdade!

Nenhum apêlo da força, revolução alguma triunfante, permitiram tão perfeita interpretação essencial e tão completa aclaração de verdades fundamentaes.

O que occorre de melhor na discussão dos parlamentos, o que vinga de perduravel no aliviar das multidões, o que assume o duplo aspéto de sublime e de humano no codigo e na lejislação dos paizes em mais evidencia, filia-se no Evanjelho de Jesus, que a Pascoa, a Gloria, nestes nossos dias, relembram e consubstanceiam nos amplexos do amor.

Amor! palavra sonora e vaga, quanto distam os cerebros hodiernos da compreensão precisa e clara desta palavra na mente daquêle que só deu um novo mandamento?!

E foi o amor que serenou as ardencias do martirio, que fez cessar o horror da escravidão, que pesou na lejislação civil dos romanos e que ao antigo, colossal e cruel, substituiu a surprêsa de sentimento casto na beleza artistica da inspiração religiosa, traduzida em obras de immortal incidencia educativa, no quadro da vida moral e até material do mundo civilisado.

A Pascoa — A Gloria — acabarão trabalhos e extinguir-se-hão obreiros, descerão ao sepulcro dos

povos nacionalidades abatidas, fundar-se-hão novas instituições, seculos de auroras brilhantes apagar-se-hão sem remedio na noite do esquecimento: mas com a Pascoa restabelecer-se-ha o equilibrio moral na consciencia das gerações, e com a Gloria o ideal cristão vencendo relutantes e retemperando tibios, congraçará discordancias diante dos tabuaes em que Jesus pendeu na hora dum perdão inolvidavel.

D. Francisco de Noronha.

A Coroação da Virgem

QUADRO DE SANDRO BOTICELLI

A' Ressurreição de Cristo seguiu-se a glorificação de Sua Mãe, coroada pelos anjos e sobre Ella desceu novamente o Espirito Santo.

E' este o quadro pintado por Sandro Boticelli, pintor do seculo xv e xvi, e que se encontra em Florença, um dos melhores e dos mais celebres daquelle artista.

Representando a Coroação da Virgem é tambem denominado pelo titulo de Virgem da Escrevaninha, pois que nelle se vê a predestinada que todas as gerações chamariam Bendita, tomando em sua mão a pena para escrever, em uma pagina do livro que os anjos lhe apresentam e que o Menino Jesus lhe indica, a pagina da Magnifica, o canto de Maria que vem no Evangelho de S. Lucas.

Não tem a Virgem aquella expressão propria da meditação daquelle canto que a exalta, e antes sua atitude contempla seu Divino Filho, que sustém no regaço. Exprime, porém, tão melancolica ternura e amor maternal seu dolcissimo rosto, que devemos relevar ao pintor aquella falta, para só admirarmos a delicadesa de sua composição em que não menos avulta a formosura e a correção das fórmas, para um quadro quinhentista.

A expressão do Menino Jesus é verdadeiramente Divina, como graciosas são as cabeças dos anjos, em que ha, principalmente, a notar a bellesa de suas cabelleiras, que mais preconisam este quadro.

A elle se refere com louvor Krell na sua obra, *Les Classiques de la Peinture*, etc.

MONUMENTOS DE PORTUGAL

Bosquejo historico da Egreja Matriz de Villa do Conde e sua restauração

(Offerecido ao nobre Conde de Azevedo)

A parochia de Villa do Conde, sob a invocação ou titulo de São João Baptista, remonta a uma alta antiguidade; é anterior mesmo á constituição da nacionalidade portugueza, pois existia já no seculo x; assim o refere um documento authentico, datado do anno 953, publicado nos *Portugaliae Monumenta Historica, Diplomata et Chartae*, sob o n.º 67.

Como a egreja *velha* de São João, sita no logar approximadamente onde hoje está a Egreja e Convento da Encarnação (S. Francisco), fosse pequena e acanhada, attento o augmento da população da villa, tractaram por isso os nobres e o povo de edificar no largo ou campo de São Sebastião, onde estava uma capella (1) dedicada a este inclito martyr, um templo magestoso, que é hoje, depois das notaveis restaurações que nelle se fizeram recentemente, um dos exemplares mais formosos do estylo manuelino ou gothico florido, ou ainda talvez do periodo romanico de transição do norte do paiz, e que, sendo principiado em 1500, foi provisoriamente acabado em 1518, anno em que foi aberto ao culto.

Para isto imploraram de el rei D. Manuel, que na ida para S. Thiago de Compostella se hospedára nesta villa na casa do morgado Villas Boas, da rua de Santa Luzia, o auxilio e poder do braço real, conseguindo que o mesmo augusto monarcha cedesse do seu bolso particular a quantia de 30$000 réis (2) e expedisse de Arrifana de Santa Maria uma Carta Regia datada de 5 de dezembro de 1502, que era simultaneamente um projecto ou plano do templo, um decreto de expropriação por utilidade publica, e uma lei de meios; pois que auctorisava a Camara a lançar uma imposição ou imposto sobre generos de consumo, determinando mais que a capella-mór fosse feita á custa da Abbadessa e Religiosas do Mosteiro de Santa Clara.

Os architectos ou mestres da construcção da enorme fabrica deste edificio religioso foram João Rianho e Sancho Goia, biscaynhos, e depois Gonçalo Annes, portuguez, de Villa Real.

Orientada, como era costume, na direcção leste-oeste, correspondendo a fachada principal ao poente e abrindo as janellas da *abside* sobre o oriente, para receber a primeira luz radiante da madrugada, a Egreja é toda de magnifica silharia de pedra, em parte vinda de Vairão (3), com uma frontaria bella e exuberantemente ornamentada, d'uma altiva e serena grandeza, e as paredes, que formam as naves em toda a sua extensão, são coroadas por duas ordens de ameias, que lhe dão exteriormente um aspecto de fortaleza, ponderada e estavel.

Interiormente tem tres naves, divididas por duas alas de columnas ou pilares esbeltos, que sustentam dez arcos de volta inteira (cinco por lado), á semilhança da Egreja de S. Francisco, da cidade do Porto, sendo as paredes das naves uma vara mais altas do que as da Egreja de Barcellos; e pela eurythmia das linhas e das proporções, pela frugalidade da decoração e pelo esmerado aceio e limpeza produz no espirito do visitante uma suave impressão d'um mysticismo doce e amoroso.

Para se formar uma ideia das suas dimensões vou apresental-as a seguir:

Cumprimento da porta principal ao fim da abside	48m,75
Largura de todas as naves	18m,40
Cumprimento do transeptum	10m,20
Nave central, altura	14m,30
« « , largura	8m,20
Naves lateraes, altura	8m,30
« « , largura	4m,40

O côro com discretos caderaes fica por cima da porta principal sobre um audacissimo arco abatido, que merece a attenção dos entendidos.

A nave central mais larga e elevada do que as outras termina pela *abside* ou capella-mór, coberta por uma abobada, chamada de penetração, ricamente artezonada, tendo nos dois fechos: o brazão de Castella, attribuido a D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, e outro attribuido aos fundadores do Convento de Santa Clara, Affonso Sanches e D. Theresa Martins; aos lados, em concordancia com a duas naves, estão as capellas *absidaes*, tambem abobadadas, com a differença saliente de que estas teem o arco em ogiva e a capella-mór o arco de volta inteira.

Actualmente a Egreja tem a projecção cruciforme, que primitivamente não tinha, em virtude da construcção posterior das duas capellas *transeptaes*.

A da epistola foi edificada pelos mareantes villacondenses no anno de 1542 e dedicada ao Corpo Santo ou a Nossa Senhora da Boa Viagem, conforme a inscripção d'uma lapide lá collocada; a do lado do evangelho consagrada a Nossa Senhora d'Assumpção foi levantada a expensas d'Antonio Martins Gago, illustre fidalgo d'esta villa, no segundo quartel do seculo XVI, e que nella está sepultado em campa brazonada.

As coberturas destas capellas são tambem d'abobadas com nervuras, e os arcos de volta inteira, d'uma ornamentação opulenta.

As paredes da primeira destas capellas estão forradas com ricos pannos de azulejos polychromicos, dos principios do seculo XVII, predominando as côres, azul e branca; e na parede da segunda está integrada uma interessante misula manoelina, em que assenta uma estatua de São João Baptista, de pedra d'Ançã, do seculo XVI, talvez da escola de Coimbra, e á qual os archeologos attribuem muito valor e merecimento.

Os tectos das naves são de madeira a vigas descobertas, havendo nas paredes das lateraes seis altares (tres em cada uma) construidos no seculo XVIII, como por demais o denuncia o estylo da talha, Luiz XV, da epoca de D. João V, cujo brazão, esculpido em madeira, está debaixo do côro.

O pulpito é uma preciosidade artistica, no estylo da *Renascença*, dos principios do seculo XVIII.

A Egreja é illuminada por uma grande janella d'arco de volta inteira, aberta na frontaria, com um rico vitral polychromico, feito em Bordeus, no anno de 1904, tendo desenhado o quadro da Ceia de Christo

Nas paredes das naves lateraes ha mais seis janellas, tres por lado; são d'arco de volta inteira, com vitraes polychromicos, de figuras allusivas aos factos mais notaveis da vida de S. João Baptista, orago da Egreja.

No *clerestory* ha oito janellas mais pequenas,

S. João Baptista

quatro por lado, tambem d'arco de volta inteira, com vitraes mosaicos, uns e outros feitos em Paris em 1906.

Estes vitraes multicolores, rutilantes á luz do sol, coando serena claridade pelas superficies irisadas, produzem effeitos surprehendentes d'uma belleza esthetica, em que, na suggestiva phrase do sr. Fuschini, se mistura a poesia da alma com a musica das côres, e formam no vasto templo uma penumbra doce e encantadora, que é a expressão mais adequada ao mysticismo religioso.

A sacristia parochial relativamente pequena tem a recommendal-a um esplendido quadro de deliciosa talha do seculo XVIII, encimado pelo brazão de Villa do Conde uma — náu á vela, navegando de bolina em mar azul, e no alto do lado esquerdo um escudo com as quinas em cruz — tal qual se encontra no Tombo de Nobreza de Francisco Coelho, Rey d'Armas, concluido em 1675.

A torre, pezada e alta, abafando um pouco a frontaria, é posterior á construcção do monumento; pois que começada nos fins do seculo XVII concluiu-se no principio do seculo XVIII.

A gratidão dos villacondenses pelos beneficios recebidos de el-rei D. Manuel está attestada d'uma maneira eloquente e indelevel no brazão gravado no portico da Egreja e collacado entre as duas espheras armilares; e a fazer *pendent* do outro lado entalharam o brazão da villa entre dois emblemas symbolicos de allusão desconhecida um, e erradamente interpretados ambos, como sendo os brazões da Povoa e Azurara, que afinal não estão no citado Tombo de Nobreza de Francisco Coelho, do Archivo Nacional.

Apagado o brazão de D. Manuel por ordem da Intendencia da Policia, como medida geral, em 12 de abril de 1808, foi depois da restauração do governo legitimo embutido outro na fachada da torre.

Para completar a magestade da Egreja faltava ainda a imponencia do culto. Então, D. Diogo de Sousa, o grande e extraordinario arcebispo de Braga, a pedido do povo, a instancias de el-rei D. Manuel e supplicas das freiras de Santa Clara, em 18 de fevereiro de 1518 instituiu canonicamente uma Collegiada, composta de Prior-presidente e de quatro beneficiados chamados racoeiros, a qual foi confirmada em Roma por Breve de Clemente VII em 1524.

Com a abolição dos dizimos, seu principal rendimento, extinguiu-se por abandono e morte dos beneficiados em 1834.

Pelo *Estatuto* da Collegiada pertencia o padroado de todos os beneficios della á Abbadessa e Religiosas do Convento de Santa Clara; comtudo este padroado ecclesiastico não dimanava originariamente do referido *Estatuto*.

Primitivamente o padroado da Egreja de Villa do Conde pertenceu á Egreja de Guimarães (se-

(1) Esta capella foi trasladada por Alvará de 7 de janeiro de 1531 (D. João III) para a entrada da rua da Lapa e d'aqui em 1853 para o cemiterio publico.

(2) Esta quantia, posto que o appareça, não foi exigua, visto que cada official de pedreiro ganhava por dia 50 réis, cada ajudante 28 réis e cada carro de pedra de Vairão custava 20 réis.

(3) Outra parte foi extraida no proprio logar da Egreja.

Monumentos de Portugal — Restauração da Egreja Matriz de Villa do Conde

VISTA INTERIOR DA EGREJA E CAPELA-MÓR

VISTA EXTERIOR

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM

(De fotographia)

culo x); depois da fundação do Mosteiro de Santa Clara por Affonso Sanches, bastardo de D. Diniz, em 1318, por troca do padroado da Egreja de Murça (em 1329?) passou para este Mosteiro, e d'aqui para a Corôa, em 1834, pela extincção dos padroados particulares (*Inquirições de D. Affonso III e Pergaminho n.º 38 da Cellegiada de Guimarães).*

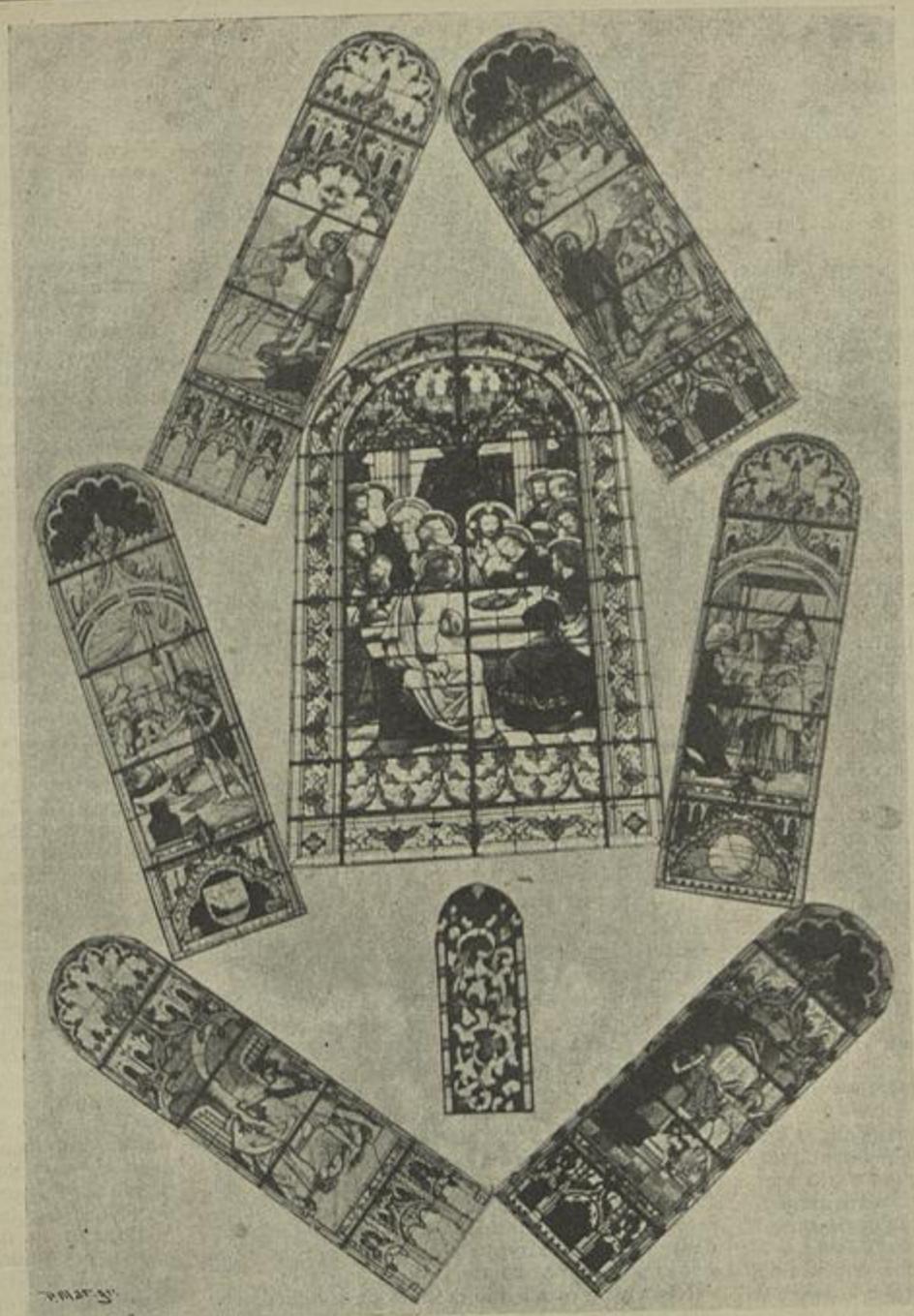
Pela leitura ligeira do que deixo escripto resalta evidentemente que a Egreja, construida no principio do seculo XVI, foi não obstante mobilada e ornamentada nos seculos XVII e XVIII; d'ahi a difficuldade de se poder fazer nella uma restauração harmonica e completa. Ainda assim alguma coisa se tem feito no sentido de restituir-lhe tanto quanto possivel, a primitiva genuinidade.

É difficil dar rapidamente uma ideia da série de vandalismos que nella se commetteram; das reformas, accrescimos e amputações, com que no decorrer dos tempos, a deturparam.

A Egreja estava inteiramente rebocada a cal, e enfeitada com um rodapé azul; quebraram-se os lavores d'alguns capiteis para os cobrir de madeira; algumas janellas rasgaram-se sem respeito pelas linhas architectonicas; outras taparam-se a fingir parede continua; um pavoroso sanefão cobria os ricos ornatos do arco da capella-mór; n'uma palavra, a folia restauradora foi além de todos os limites.

Hoje felizmente, levantou-se essa enorme vergonha, que pesava sobre esta villa, reparando os ultrajes infligidos á veneranda Matriz, que em subido grau inspira aquelle respeito melancholico e saudoso, que é um segredo das egrejas gothicas. Por melindre pessoal, como é facil de ver, não posso nesta parte ser prolixo; limito-me simplesmente a dizer que fui dedicadamente auxiliado pelos srs. conselheiro Abel de Andrade, Figueiredo de Faria e Carlos de Faria, illustres villacondenses, aos quaes, aproveitando esta occasião, aqui presto a homenagem do meu reconhecimento.

Villa do Conde, Janeiro-1907.

MGR. FERREIRA.

EGREJA MATRIZ DE VILLA DO CONDE — OS VITRAES

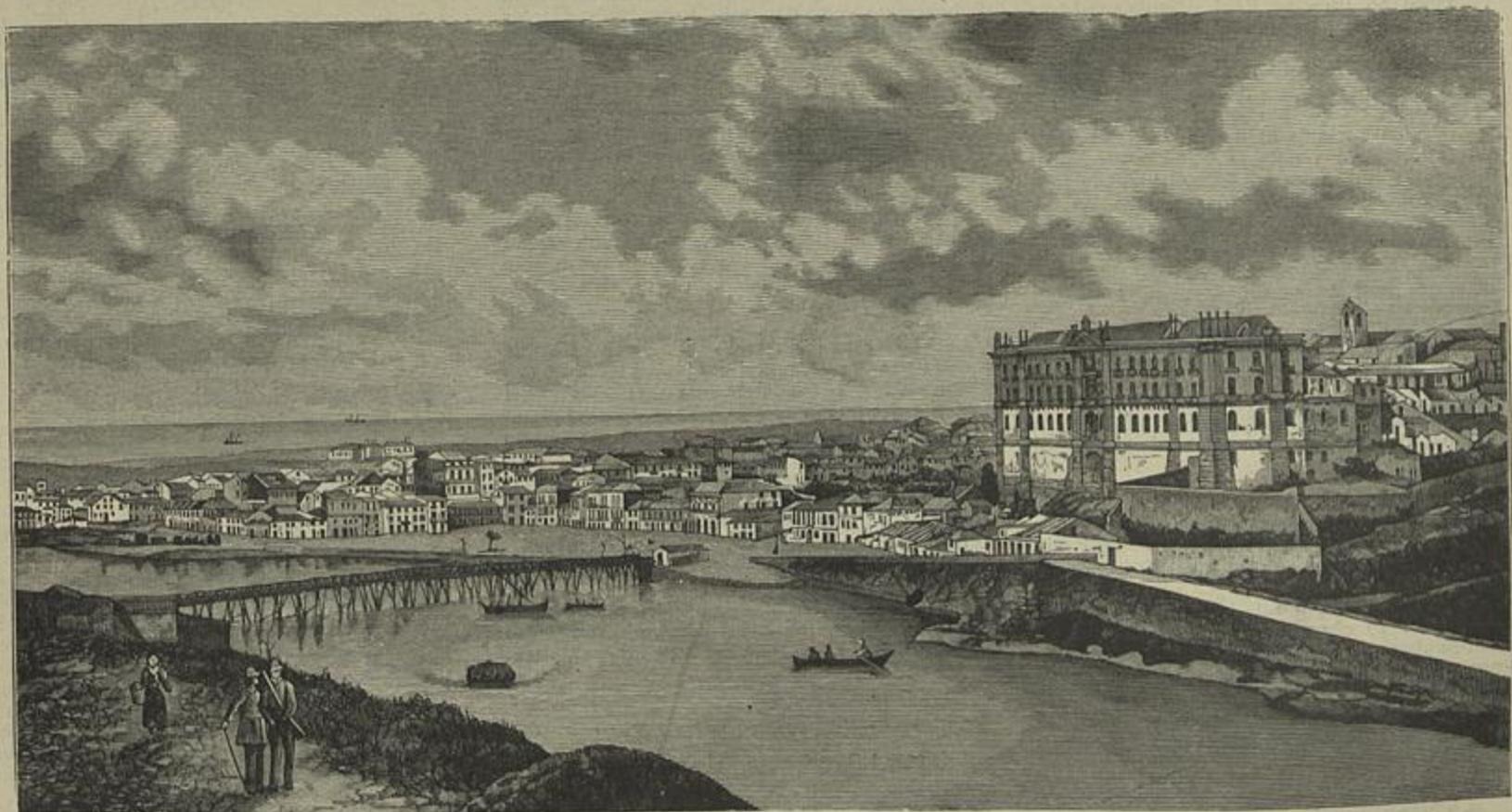
AS AMENDOAS (*)

Passam as filhozes, e temos logo as amendoas. Terminam as glorias dos capellistas, e começam as dos confeiteiros. Morre a caraça, e surge a cartonagem.

A caraça era para encobrir a cara, a cartonagem é para o disfarce do coração. Entra uma caixa de amendoas pelo interior de uma familia, admiram-se os arrendados e as folhas de velludo e dá-se-lhe logar de honra no *étagère* da antesala; e essa caixinha que toda a familia festeja é, as mais das vezes, um poema de amor, que só uma pessoa o sabe lêr; cada estampa um canto, cada amendoa uma estrophe.

No carnaval, graças ao dominó, é vulgar achar-se um pae em troca de galanteios com o namorado occulto da filha; nas endoenças não é muito para estranhar, que um marido sincero e guloso chegue a engulir as balinhas que amor dispara contra o coração da esposa idolatrada.

A época das amendoas é tromentosa para os namorados que a sorte adversa afasta dos mais elegantes confeiteiros. Os mancebos que são victimas de amor e de juros,

(*) Do livro *Coisas Alegres.*

UMA VISTA DE VILLA DO CONDE
(De fotografia)

soccorrem-se aos agiotas, que na semana santa especulam com os apertos do coração e da algibeira.

A época recorda as façanhas dos judeus, e se os antigos crucificaram o Christo, não é muito que os de hoje sacrifiquem uma pessoa ante uma caixa de papelão.

Casos ha em que uma urnasinha de meia libra, que a namorada recebe com o sorriso nos labios, representa a expatriação forçada de uma casaca em horas de extrema agonia.

Ellas que desconhecem as torturas que o amor prepara aos desprotegidos da fortuna, acham nos romances que os amantes navegam sempre nos mares da abundancia. Contam-lhes Dumas e Sue, que um e outro martyr do coração iam para Londres e Antuerpia esquecer os intimos desgostos; ellas, as innocentes, não sabem que hoje um namorado infeliz nem sempre está pecuniosamente habilitado para ir derramar em Cacilhas os prantos da sua desventura.

Manoel Roussado.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO V

(Continuado do n.º 1016)

No *Diario do Governo* de 21 de janeiro de 1836, vem o seguinte anuncio:

Vende-se uma parelha de cavallos de sége e traquitana, que se podem ver na Praça da Alegria nas cavalhariças do Palacio Azúl e ajustar com o dono na rua nova da Alegria n.º 11, 2.º andar.

Este Palacio Azul deu-me que pensar:

Onde seria tal edificação?

Depois de varias pesquizas parece-me fóra de toda a duvida, que achei. O palacio a que o anuncio se refere é o predio que fica á esquerda da praça vindo da Avenida pelo curto trôço da rua que a liga a ella. A quem pertencia e a quem pertence actualmente, ignoro-o.

Em 1838, anunciava-se a sua venda, e em 1859 estava ali instalado um colegio.

Em 1841 de novo se torna a ocupar delle a gazeta oficial n.º 56, de 6 de março desse anno, anunciando-se a venda em leilão, para satisfazer os credores, de toda a mobilia, louças, instrumentos musicos, carruagens e mais objectos que o guarneciam.

De então para cá perco o rasto aos destinos do Palacio Azul. Algumas diligencias que fiz no sentido de esclarecer o leitor, foram baldadas.

*

Voltemos ao Principe Real subindo a calçada da Patriarcal. Se fizesemos este trajecto ahi por 1782, convidaria o leitor a entrar na loja do mestre Nicolau Vitaliani a humedecer os labios n'algum dos seus nectares deliciosos ou a vêr partir pela manhã cedo, ahi pelas 7 horas, as séges de carreira para Cintra, atulhadas de passageiros a quem o italiano vendia os bilhetes da passagem (1) Vizinho deste era José Gomes Martins, tambem estabelecido no sitio com uma oficina tipográfica que em 1793 ainda ahi estava, e lá ao cantinho da rua Formosa, onde hoje está um canteiro, tinha o seu armazem um alfarrabista espanhol, muito perto da quitanda de João Gonçalves, fabricante e negociante de oleados (2).

Em 1803, brilhava, entre as casas de negocio destas paragens a *Loja de Bom Gosto* com a sua restia de limões á porta, indicando o genero de comercio que explorava e chamando assim os devotos das chamadas *bebidas de guerra*. Mas basta de tal materia· Enfastiaria decerto o leitor se continuasse (3).

*

Tornejando para a rua da Procissão fica nos o predio de quatro frentes que foi do Barão de Paulo Cordeiro. Antes de descermos a rua averiguemos qual a sua origem.

Depois do terremoto e da transferencia da Patriarcal para as obras do conde de Tarouca, traçaram-se algumas ruas á pressa, nos terrenos proximos, por onde seguisse a procissão do Corpo de Deus, nesse anno de 1756. A procissão realisou-se a 17 de junho, acompanhada por el-rei, pelos infantes, a côrte em peso, os cavaleiros das ordens militares e povo que farte, seguindo o trajecto indicado. A rua da Procissão foi a primeira dessas ruas provisorias e guardou, como se vê, memoria duradoira daquelle facto (1).

O falecido antiquario José Gomes Goes disse ao sr. Visconde de Castilho ter visto em uma escriptura, designado um predio que comportava com a *rua da Procissão do Corpo de Deus*, o que vem dar fóros de absoluta certeza ao que acima ficou dito.

Pouco mais de notavel tem a rua, fora a proveniencia do seu nome.

Em 1831 morava aqui o infatigavel bibliógrafo Innocencio Francisco da Silva.

Houve aqui tambem um circo, ahi por 1870 e tantos, que chamou ao local uma concorrencia desusada· Fala delle na *Lisboa de Hontem* o chorado folhetinista Julio Cesar Machado.

*

A Praça das Flôres e as proximas ruas da Palmeira e do Jasmim, evocam, com os seus nomes perfumados e campesinos um trecho bucolico de alguma quinta recolhida neste antigo arredor da cidade. Assim é effectivamente. No seculo XVIII, assentava ahi, onde hoje se cruzam aquellas arterias a quinta do Tenente-Coronel, com a sua ermida da invocação de Nossa Senhora da Piedade, que veio dar o nome a uma rua primitivamente chamada *Travessa Nova da Cotovia* (2).

João Baptista de Castro e o Padre Luiz Cardoso, falam-nos ambos dessa ermida, sem determinarem a sua situação, dando lhe este ultimo a invocação de Santo Antonio, talvez por lapso (3).

O Tenente Coronel que apelidára a quinta era o seu possuidor, Domingos do Amaral Valente, tenente-coronel de um dos regimentos de infanteria da côrte, fidalgo da Casa Real e cavaleiro de Christo.

Era filho de Manoel Lampreia de Vargas, natural de Serpa e Familiar do Santo Officio e de D. Rafaela Maria Piemonte e Lemos, administradores de uma capella naquella villa; neto paterno de Domingos do Amaral Valente, fidalgo da Casa Real, morador em Serpa e de sua mulher D. Catharina de Vargas e materno de José Botelho de Lemos, fidalgo da Casa Real (4).

O Tenente Coronel faleceu em janeiro de 1752 com um ataque de paralisia, contanto 77 annos, e foi sepultado no adro da igreja do Santissimo Sacramento, sendo o seu corpo conduzido pelos pobres, como determinara em seu testamento (5). Casara com D. Leocadia de Almada de quem parece não ter tido filhos. Taes eram os possuidores da quinta que o progresso retalhou em ruas e travessas nos ultimos 20 annos do seculo XVIII.

Não encontro no sitio vestigio da ermida de que fala o Padre Cardoso, cuja situação se poderia talvez precisar manuseando as escripturas dos predios circumvisinhos. Se os proprietarios deixassem de boamente consultar esses documentos quantas noticias ineditas se poderiam fornecer aos mais exigentes!

*

Foi em 1863 que a praça das Flores foi regularisada e ajardinada, brindando-a o Municipio, por decisão tomada na sessão de 14 de abril de 1864, com a grade mandada fazer para a muralha de S· Pedro de Alcantara, em 1863.

A grade porem não chegou a ser colocada, porque o vereador Lopes dos Anjos, n'outra sessão da Camara, desse anno, a reclamou novamente para a muralha, para que fora feita, afim de acabar com os frequentes suicidios que ali se ocasionavam.

Atendida esta reclamação foi a grade colocada em S. Pedro de Alcantara e o jardim da praça das Flores teve de se contentar com os sobejos do seu colega — noventa metros de grade — que lhe foram concedidos em sessão de 12 de maio do mesmo anno. Os moradores da praça, despeitados com o procedimento do Municipio, quotisaram-se e ofereceram 200$000 rs. para o assentamento do gradeamento e para outros melhoramentos do jardim (6). Aqui lhes deixo consignado um voto de louvor.

*

A rua de S. Marçal, chamava-se antigamente rua dos Marcos, nome este derivado talvez dos marcos ali colocados para limitarem a rua do trajecto da procissão do Côrpo de Deus e que, por acaso, tivessem permanecido ali durante algum tempo mais do que o preciso, para a passagem do prestito. Isto é uma hipotese minha que, pareceme, não deixa de ter alguns visos de possibilidade.

Foi nesta rua o hospicio dos padres jesuitas. Ficava elle encravado entre ella, a rua do Monte-Olivete e a travessa de S. Francisco de Borja. (1)

Depois de expulsos os padres da companhia é de crer que o edificio e o seu quintalão, passasse para o Estado. No seculo XVIII, João Baptista de Castro menciona ahi perto a ermida de S. Francisco de Borja, que dava nome á travessa chrismada em 1883 em travessa de S. Marçal.

Em 1759, esteve alojada no hospicio uma aula de retórica, latim e grego. Era então ahi o Seminario Patriarcal.

No anno de 1843 pertencia a casa a um antigo guarda do colegio dos nobres, chamado Francisco Ferreira, velho centenario, que a alugou nesse anno a Castilho.

O autor da Primavera habitou-a até 1845, deixando numa nota ao seu drama *Camões*, sobre logares memoraveis, bem frisado o praser que lhe causava, evocar nas sombras do quintal ou na velha portaria do hospicio, a figura magra e insinuante do douto Padre Antonio Vieira, que ahi se hospedaria algumas vezes, como o poeta supunha com bons fundamentos.

A casa, descreve-a o sr Visconde de Castilho nas suas *Memorias de Castilho*, de onde extrahi todos estes dados. Era uma grande barraca, rês, do chão, com um pateo pequeno e um quintalão enorme. Para a rua só tinha uma janella que era a do escriptorio de Castilho. E' interessantissima a descripção do edificio. — A felicissima memoria do filho do poeta consegue dar-nos uma perfeita ideia de como era a casa e o jardim, povoados de recordações dos padres O portão de entrada, pintado de verde, dava acesso ao pateo, sombreado de duas anaguas de Venus, com uma alpendurada monastica de portaria de convento pobre. A casa de entrada era ladrilhada e tinha o tecto de cupola. Lá se via pendente o lampião de folha, oitavado. Alguns bancos antigos encostados ao rodapé de azulejo, constituiam o mobiliario.

O leitor que quiser deliciar-se com a descripção completa do velho hospicio, tal como se achava em 1843, e do quintalão onde o sublime cego ensinava aos filhos os primeiros rudimentos de botanica, abra o volume 3.º das *Memorias* e leia o capitulo X. O incommodo é pequeno; o prazer intelectual será grandissimo.

Pouco resta dizer. Em 1884 foi demolido o barracão, e o quintal dividiu se em ruas e talhões para venda. Neste anno de 1906 já nada resta do hospicio dos jesuitas. Um predio moderno, incaracteristico, banal ocupa actualmente o seu logar.

G. de Matos Sequeira

CURIOSIDADES

Na Belgica, existem soberbas vinhas sobretudo nos arredores de Amsim, Amay e Hay, onde a ultima colheita foi abundante, visto que nas ultimas vindimas constatou se que 1:500 hectolitros de vinho foram postos em barris.

Ha dois seculos, já os vinhos belgas eram estimados, e diz-se mesmo que nos arredores de Bruxellas, eram todos comprados pelos duques de Borgonha que os armazenavam nas suas caves. Apesar da pretendida superioridade dos seus vinhos, os belgas preferem os da França. O governo actual, porém, pensa em fazer reviver esse ramo de agricultura e para animar os cultivadores, dão gratuitamente 200 pés de vinha a todos que emprehenderem a sua cultura.

*

A duração media da vida tem augmentado progressivamente: De 1806 a 1892, passou esta de 28 a 53 annos; no ultimo quartel do seculo, aumentou ella na França, mais de 15 %; na Prussia, elevou se de 36 a 44 annos, de 1870 a 1900; na Inglatérra, de 40 a 46 annos, de 1838 a 1891, etc., dando se como principaes causas, o progréso da figiene, vida mais socegada, etc., mas a principal causa d'esse facto é, na França, a diminuição dos nascimentos, visto que grande parte dos obitos, eram menores. Se não nascesse n'um anno, uma só creança, a media da vida augmentaria bruscamente.

(1) Gazeta de Lisboa de 1782.
(2) Idem de 1793.
(3) Lettreiros celebres — Oitavo pequeno publicado em 1803 por um *Taful de luneta*.

(1) Ribeira de Lisboa, pelo sr. Visconde de Castilho — Pag. 421.
(2) Corografia manuscrita do sr. Luiz Cardoso — Freguesia de S Mamede — Torre do Tombo
(3) Mappa de Portugal — Volume 3.º
(4) Processo de habilitação para o Santo Oficio de Manuel Lampreia de Vargas.
(5) Gazeta de Lisboa de Janeiro de 1752.
(6) Arquivo Municipal, já citado.

(1) E' a actual travessa de S. Marçal.

CIENCIA MODERNA

O KROMAROGRAFO MUSICAL AUTOMATICO

Até á data em que um sem numero de maravilhas se teem apresentado na lista incomensuravel das grandes invenções do ultimo quartel do passado e dos poucos annos já decorridos do seculo actual, ainda nenhum aparelho registrador das notas de musica era conhecido. Este aparelho é, sobretudo, para os compositores de musica, de grande utilidade, pois que obtendo se uma inscrição autentica da execução de um dado trecho, esses compositores não serão forçados a fixar os trechos que lhe forem inspirados, em caracteres musicaes, como o fazem, desde que a ideia ainda não esteja completamente definida no seu espirito.

A tentativa da realisação desta ideia parece finalmente realisada pelo engenheiro vienense Laurens Kromar por meio do aparelho a que elle poz o seu nome, o *Kromarografo*.

O *Kromarografo* liga-se facilmente a um piano e registra automaticamente o jogo do teclado n'um sistema de carecteres musicaes identicos aos das notas, sendo esse registro, feito por elétricidade.

A parte principal do aparelho é o mecanismo de rolos actuados por um pequeno elétro-motor e que arrasta uma tira de papel com movimento uniforme, colocado sobre os caracteres. Apoiando o dedo sobre as teclas, faz-se ativar os caracteres, por um sistema de 87 elétro-imans (um para cada tecla) cujo circuito se fecha com a pressão dos dedos. O caracter que corresponde á tecla baixada, estando atrahida, inscreve a nota, na tira do papel.

O eléctro-motor liga a um circuito elétrico de 110 volts de corrente coutinua ou interrompida.

O sistema de notas é muito semelhante ao das notas vulgares; conservam se as claves de *dó* e *fá*, do sistema, a cinco linhas.

Cada tecla inferior, (branca,) produz um traço duplo, e cada tecla superior (negra) um traço simples intermediario e mais cheio. Escusado será dizer que as notas que no piano dão o mesmo som como *ré sustenido* e *mi bemol*, por exemplo, coincidem no sistema.

Desde que a nota esteja gravada, um rolo especial continua automaticamente o traçado das linhas, de modo a que se possa prevenir o deslocamento dos caracteres.

A cadencia é figurada por uma serie rithmica de pontos, correspondendo aos traços de que se servem os compositores na musica, e traçados, no papel, por um pedal, dirigido pelos proprios compositores.

A estensão da nota e o rithmo da melodia conhecem-se pelo comprimento dos traços impressos, e que correspondem á elevação da pressão exercida na tecla. Um contacto breve dá um traço curto; um contacto prolongado um traço maior. Devido ao movimento uniforme da fita, os comprimentos dos traços equivalem á duração das notas, e os intervalos entre dois traços consecutivos, á duração das pausas.

Mantendo-se uma cadencia constante, reconhece-se facilmente o rithmo. O *staccato* reconhece-se pela brevidade do traço e comprimento das pausas, o *legato* e as *sincopes* por uma serie de traços sem intervalo. O *glissando* é uma linha pontuada aproximando-se tanto mais da vertical quanto maior for a velocidade imprimida. O *arpegiato* e os *trillos* são egualmente impressos de uma forma caracteristica, etc.

Este aparelho deve ter o mesmo sucesso das actuaes maquinas de escrever quando, de futuro, poderem ser fabricados em grande escála e os seus preços forem modicos.

ANTONIO A. O. MACHADO.

Casa de Cristovão Colombo em Porto Santo

O ousado navegador genovês, inspirado nos descobrimentos dos portuguêses iniciados pelo Infante D. Henrique, emigra para a ilha da Madeira, levado, como tantos outros estrangeiros que para ali emigraram, pela fama da belesa desta ilha, descoberta por João Gonçalves Zarco (1) em 1418.

Como é sabido Cristovão Colombo casou com D. Filipa Moniz, filha do primeiro donatario da ilha de Porto Santo, Bartolomeu Perestrello e de sua mulher D. Isabel Moniz, e segundo a tradição, viveu por algum tempo na casa, hoje arruinada, da ilha de Porto Santo, que nossa gravura representa.

(1) Vid. OCCIDENTE, vol. XXXIX, pag. 254, 1906.

Sem inquirirmos o que ha de verdade nesta tradição, sobre que muitos autores tem manifestado diversas opiniões, apresentamos apenas a gravura da dita casa, como um documento que se deve archivar, e que os investigadores da historia o aproveitem para seus estudos especiaes.

A tradição inherente a esta casa levou o consul dos Estados Unidos da America, sr. John Heally, quando foi do Centenario do descobrimento da America do Norte, por Cristovão Colombo (1), a quasi a desmoronar no intuito de a apresentar, quanto possivel em seus fragmentos, na Exposição Colombina, que então se realisou na America.

A tradição de nesta casa ter vivido Cristovão Colombo, não destroe a de elle ter residido tambem no Funchal, na *Casa dos Esmeraldos*, ha muitos annos demolida para a abertura de uma nova rua (2), pois não repugna aceitar que, tendo Colombo casado em Porto Santo, ali residisse por alguns annos.

Numa memoria apresentada á Academia Real das Ciencias de Lisboa, pelo sr. Agostinho de Ornellas, commemorativa do descobrimento da America, diz aquelle autor que, tendo a viuva de Bartolomeu Prestrello, D. Isabel Moniz, alcançado autorisação regia para vender a capitania de Porto Santo, na minoridade de seu filho, se retirara depois com sua filha para o Mosteiro de Santos, em Lisboa, recolhimento das famílias dos cavaleiros da Ordem de Santiago. «Mais tarde restituido seu filho á posse da capitania de Porto Santo, para ali regressou com sua filha e genro (Cristovão Colombo) e ali pelos annos de 1475 nasceu Diogo Colombo.»

Do anno de 1475 a 1492, em que Cristovão Colombo descobre a America, decorrem 17 annos, durante os quaes elle mudou sua residencia para o Funchal onde habitou a citada *Casa dos Esmeraldos*. Aqui se encontra outra tradição que diz ter Colombo hospedado nesta casa a Affonso Sanches, piloto, natural de Cascaes, e que aportou á Madeira, em uma caravela, de volta de uma viagem de descobrimento ás supostas Indias Ocidentaes. Diz ainda a tradição que Affonso Sanches vinha doente e pouco depois morreu, mas antes de morrer communicara a Cristovão Colombo a sua viagem e por ventura o roteiro com que havia chegado áquelle novo mundo.

Não repugna tambem aceitar esta tradição, pois poderia aquella circunstancia ser muito bem o fundamento da viagem de Colombo, que de seguro não se meteu aos mares aventureiramente sem ter uma luz que o guiasse.

Essa luz illuminou os seus planos de descobrimento de novos mundos, planos que veio apresentar ao rei de Portugal D. João II, que não o atendeu, e d'aqui se foi Colombo a Espanha, onde os reis Catolicos, Isabel e Fernando, lhe deram naus para elle fazer sua viagem, que viu coroada de bom resultado.

Com razão se póde dizer que os dois descobrimentos que mais encheram de gloria a Espanha, — o descobrimento por Cristovão Colombo, da America do Norte, ou Indias Ocidentaes, como então lhe chamavam, e o descobrimento das Filipinas, na viagem da circumnavegação, pelo português Fernão de Magalhães — irradia dos descobrimentos dos navegadores portuguêses, que illuminaram o mundo no seculo XVI com tal intensidade que a nossos dias ainda chega seu fulgor inextinguivel.

(1) Vid. OCCIDENTE, XV vol., pag.as 187, 210, 220, 254, de 1892.
(2) Idem, pag.as 220 a 224.

Cantigas da minha terra — Santos Luz — com prefacios do *Dr. Manuel d'Arriaga* e de *Gomes Leal* — Lisboa — 1906 — N'uma nitida impressão da Imprensa Lucas, do nosso sympathico amigo Lucas Torres, temos sobre a nossa banca de trabalho desde novembro do anno findo dois exemplares de um elegante voluminho de 64 paginas, um *rosario* de cantigas populares, devidas á penna do modesto obreiro das lettras Santos Luz que já publicara um sentido livro de versos — *Sonetos da Paixão*.

Os dous exemplares das *Cantigas da minha terra* foram offerecidos respectivamente á nossa redacção e ao signatario d'estas breves linhas.

O illustre causidico Manuel d'Arriaga, republicano são e honesto, de braço dado com Gomes Leal, o grande poeta da *Traição* e do *Anti-Christo*, deu o seu parecer sobre esta linda selecção de quadras populares.

A prosa de Manuel d'Arriaga de quem Santos Luz é um fervoroso admirador — é simples, desataviada, chan; a de Gomes Leal, altiloqua, grandiosa, arrebatada.

Quanto ás quadras de Santos Luz — *Cantigas da minha terra* — dizemos apenas — em nossa modesta opinião — que podem junctar-se, sem desdouro algum, ás *Mil trovas*, de Alberto d'Oliveira; *Versos do Reyno*, do nosso querido amigo Albino Forjaz de Sampaio, e mais uns tres que sobre o assumpto popular existem, mas cujos titulos nos não acodem de momento.

D'entre essas duzentas *Cantigas da minha terra*, destacamos as quadras n.º 27: pela amoravel phrase de que se compõe; 30 pela negativa d'um antigo proloquio; 57 pela curiosa ideia que nos dá; 121 pela dolorosa recordação d'orphão, e 199 em que Santos Luz demonstra o grande amor pela sua terra natal — Aljustrel — uma villa seis leguas afastada de Beja.

Essas cinco quadras, damol'as em seguida:

As tuas cartas de amôr,
Que tanto prazer me dão,
Trago-as dentro de meu peito,
Juntinhas ao coração.

Ausente da minha terra,
Meu coração disfaléce:
Ninguem se fie no dictado
«Quem não aparéce esquéce».

Na tôrre da nossa egrêja
O velho sino dá horas;
Os teus olhos dão signaes
Quando á tarde me namóras.

Se um dia te perguntarem
Porque a Deus levanto um ai,
Responde que já não tenho
Carinhos de Mãe e Pae.

Minha terra, minha terra,
Terra do meu coração;
Pode haver terra mais linda,
Mais ditosa isso é que não.

Transcrevendo essas quadras para elucidar os nossos presados leitores do que é esse livrinho de *Cantigas*, agradecemos cordealmente a Santos Luz a gentileza da offerta dos dois exemplares, e pedimos nos desculpe o grande atrazo da referencia e bem assim a mesquinhez das nossas palavras que são sinceras.

XXV-II-CMVII.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Corpo humano. — Da Livraria editora Avellar Machado, recebemos este bello e interessante trabalho, do professor sr. Bernardino Ligorne, revisto pelo dr. Bettencourt Ferreira, illustrado naturalista.

O *Corpo humano e seus principaes orgãos*, é um bello quadro primorosamente litografado a côres, custando apenas 200 réis.

Visconde de Santarem *apontamentos para a sua biographia por M. A. Ferreira da Fonseca do Instituto de Coimbra, Lisboa, Typ. do Annuario Commercial 1907.* — Folheto de 22 paginas nitidamente impresso em papel de linho, illustrado com o retrato do Visconde de Santarem, copia do que existe na Sociedade de Geographia de Lisboa, e pelo autor dedicado «A Senhora Viscondessa de Villa Nova da Rainha e seus filhos».

Os leitores do OCCIDENTE já conhecem este trabalho de investigação, escrupulosamente empreendido pelo sr. Ferreira da Fonseca sobre a vida do eminente sabio, pois foi publicado em n.º 1009 desta revista. No folheto vem acrescido com o catalogo das obras do Visconde de Santarem em numero de 36, algumas dellas escritas em francês e pouco conhecidas em Portugal.

A Arte Musical *proprietario director Michel'angelo Lambertini, Lisboa.* — Entrou no IV anno de publicação esta bem redigida revista, especialmente dedicada á arte da musica, como seu titulo indica, e á qual está prestando bons serviços, pela excellente escolha de seus artigos, vulgarisando e empenhando-se pelo desenvolvimento do gosto pela boa musica em nosso país, o que é para louvar, sendo já apreciaveis os resultados colhidos n'esse sentido.

A Renovação da Irenia — *(Romance) por Thaumaturgo Furtado — Porto — Typographia Universal — 1906.*

Volume, cujo texto abrange 238 paginas, nêle o autôr mediante o emprego de meia ficção apropriada, faz a critica dos maus governos e lavra a sentença condemnatoria dos governantes deshonestos e incompetentes.

Alma sonora — *(Sonetos e canções) — A. Moreira Lopes — Com uma carta a José Sampaio (Bruno), ácerca do auctor, pelo dr. Theophilo Braga — Porto — Empresa do «Jornal de Bordados» — 1907.*

Está longe de constituir uma obra prima o livro de 103 paginas, intitulado **Alma Sonora**, entretanto não é despido de merecimento poetico e revela em Moreira Lopes capacidade para proseguir com brilho.

CASA DE CRISTOVÃO COLOMBO EM PORTO SANTO

(De fotografia)

Divino Amor — *(Peça historica em 3 actos, em verso) — Mario Monteiro — Lisboa — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso — 1906.*

Mario Monteiro, ainda estudante da Universidade, inspirou-se para dar a lume esta composição, na vida gloriosa do Infante de Sagres, que sobresae como figura primacial da peça referida.

A sua leitura desperta o sentimento da patria; e só isto cabe aqui declarar-se, pois, em relação a effeito na cêna, só quando representada se poderá avaliar.

Notas de reportagem — *Luis Derouet — (A excursão dos estudantes portuguezes a Paris em 1906) — Com uma carta — prefacio do sr. dr. Bernardino Machado, lente cathedratico da Universidade de Coimbra — Lisboa — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso — 1906.*

A materia contida no volume aludido já teve oportuna publicação nas colunas do *Mundo*. Agora acha-se acompanhada de retratos e gravuras que a tornam mais elucidativa e atraente.

Os Pobres — *Raul Brandão — (Carta — Prefacio de Guerra Junqueiro) — Lisboa — Empresa da Historia de Portugal — Sociedade Editora — Livraria Moderna — 1906.*

Introito de 24 paginas e texto de 199, aquêle deslumbra por forma tal que, a leitura do segundo, executa-se quasi violentado, sem embargo do autôr patentear perspicacia filosofica e firmeza de lojica no que afirma.

Explica-se o facto muito naturalmente, visto haver diferença enorme entre um grande mestre e um discipulo que o não eguala; o que não significa impossibilidade para chegar a consegui-lo.

Rezulta do exposto, que o prefacio de Junqueiro imprime ao volume um alto titulo que o recomenda.

Brandão retrata no texto de **Os pobres** os tipos que formam a galeria das miserias sociaes, pondo em evidencia o caráter e os contrastes.

Threnos — *Jeronymo de Almeida — (Com um carvão por Abel Cardoso) — Guimarães — Pap. e Typ. Minerva Vimaranense — 1906.*

Folheto de 74 paginas, contém vinte e quatro composições poeticas, algumas das quaes datadas de Liverpool. O soneto não predomina em este folheto, que apresenta mais de um pensamento deveras apreciavel.

Breves Notas Historicas sobre a Bibliotheca Nacional de Nova Goa por *Octaviano Guilherme Ferreira — Typ. da Minerva Indiana — Nova-Gôa — 1906.*

Neste folheto, que compreende 59 paginas Octaviano Ferreira, bibliotecario dirétor, corresponde cabalmente ao titulo com que deu publicidade ao mesmo folheto e mais do que isso, habilita os leitores a julgar com ciencia certa do estado relativamente prospero do estabelecimento que êle dirije e dos serviços utilissimos que a biblioteca de Gôa está prestando á causa da instrucção.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

EMPREZA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR

N.º TELEPHONICO: 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences

PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.mo Sr. José Vianna

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1$500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES

GAZOZAS LITHINADAS

Approvadas pelo Alvará Regio de 30 de Novembro de 1906

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º

LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

MESSAGERIES DE LA PRESSE FRANÇAISE

CASA FUNDADA EM 1879

Rua Aurea 146 1.º — Lisboa

Jornaes de Modas

N'esta agencia encontram-se á venda os melhores e mais elegantes jornaes de modas desde 60 até 1$500 réis cada exemplar.

Esta casa, a mais antiga e acreditada de Lisboa, é a unica que recebe directamente do estrangeiro todas as publicações.

Fazem-se assignaturas e vendem-se avulso os seguintes figurinos:

Wiener Chic, Chic Parisien, Le Chic, Le Costume Royal, Mode Parisienne, Couturière Parisienne, Album Blouses, La Blouse, Vrai Chic, La Tailleuse, La Parisienne.

Toillettes Parisiennes, Mode Palace, Femina, Moniteur de la Mode, Mode Illustrée, Saison, Miroir des Modes, Art et la Mode, Messager des Modes Costume tailleurs, Les Modes, Salon de la Mode, Robes de Bal, Album de Bal, Jupes Nouvelles, Mode Pratique, etc.

Weldon's Ladies journal, Ladies field, The Gentlwomam, Ladies Pictorial, Harrisson's Dress maker Weldon's Bazaar.

Mode du Petit Journal, Petit Echo de la Mode, Mode National, Vraie Mode, etc.

Journal des Ouvrages de Dames, Broderie illustrée, Petit Echo de la Broderie, Broderie moderne, etc.

Jornaes de Chapeus

Le Chapeau Parisien, Album Chapeeux, Modiste Universelle, Modiste Parisienne Avenir de la Mode, Weldon's Home Milliner, etc.

Assignaturas de todos os jornaes estrangeiros